

DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES À SALA DE AULA: O DESAFIO DE ALINHAR CURRÍCULO À PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA, REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Manuela de Jesus Santos¹

RESUMO

A busca por um currículo que atenda às necessidades de determinada comunidade escolar deve estar diretamente relacionada com o cotidiano deste ambiente, onde sejam principalmente considerados os aspectos do contexto sociocultural dos estudantes. No entanto, a construção de um currículo escolar nesta perspectiva não parece uma tarefa simples, sobretudo quando considerada a realidade de algumas escolas. Neste sentido, o presente trabalho traz uma análise sobre o papel do professor (a) de Geografia em alinhar o currículo às práticas metodológicas de ensino, considerando as experiências de aprendizagem dos estudantes. Objetiva-se explorar as vivências advindas do desenvolvimento das fases de ambientação, observação, planejamento e regência do Programa Residência Pedagógica, no âmbito do Subprojeto Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, em que, com base nas ações desenvolvidas em escola pública da rede estadual de Salvador, pôde ser observada a importância da competência e autonomia docente em selecionar os conteúdos a serem estudados em sala de aula quando, por exemplo, há uma redução na carga horária e alguns assuntos precisam ser priorizados. Assim, a partir deste trabalho, espera-se promover uma reflexão a respeito da Geografia como componente curricular da educação básica de natureza interdisciplinar, aspecto este indispensável, pois no seu escopo teórico e metodológico, a referida disciplina abarca conteúdos que se interconectam com a perspectiva de uma educação integrada. Para tanto, é preciso uma análise de como podem ser feitas a escolha e a organização dos conteúdos da Geografia, numa perspectiva que inter-relacione currículo integrador e práxis pedagógica.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Geografia Escolar, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O papel da escola não se enquadra somente como um espaço de transmissão de conhecimentos a determinados públicos, mas também, como um lugar de socialização e desenvolvimento das competências humanas, apesar de toda problemática que a envolve. A escola comumente é o primeiro ambiente de interação social e por isso permite a construção de universos tão complexos em sua escala de análise, universos estes que evidenciam desafios

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia IFBA – *Campus* Salvador. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão da Bolsa e à Prof^a Dr^a Anízia Conceição Cabral de Assunção Oliveira pelas orientações necessárias ao desenvolvimento desta pesquisa, manuelajasantos16@gmail.com;

como o da estruturação de um currículo que dialogue com as necessidades da comunidade escolar alinhando-se ao cotidiano dos estudantes.

A escola, cada vez mais, deverá ser um espaço aberto e inevitavelmente vinculado à cultura. A vida deve ser a dimensão integradora das relações na escola. Se não houver vida naquilo que aprendemos, então não há educação, formação e muito menos aprendizagem (Mosé, 2013). Neste sentido, entender as dinâmicas desse espaço é fundamental para a construção de um currículo equilibrado. E, se por um lado, pensar a estruturação do currículo é importante, por outro lado, as práticas de ensino não podem ser desprezadas neste repertório, tendo um lugar único neste contexto. Pelo contrário, essas práticas serão a tradução em sala de aula dos efeitos deste currículo.

Os professores de Geografia encontram no ensino da disciplina o desafio de superar os aspectos metodológicos tradicionais em sala de aula. Todavia, esse desafio se torna ainda maior na prática, pois, se os mesmos quiserem ter sucesso em seu campo de estudo, precisarão estar atentos a elementos como: currículo, cotidiano escolar, vivência dos estudantes e metodologias integradoras. Para isso, é importante considerar também as finalidades da formação escolar, mercado de trabalho, intelectual e social.

Em 2009, o professor Washington Aldy, em sua dissertação de mestrado, apresenta um estudo sobre o currículo de Geografia e a reorientação curricular na cidade do Rio de Janeiro e destaca que há uma preocupação, sobretudo no meio acadêmico, com a discussão sobre as formulações e reformulações curriculares em Geografia. Mas como pensar estratégias metodológicas de ensino que estejam alinhadas ao currículo e façam sentido na formação dos estudantes? Como aproximar os conteúdos das vivências destes alunos? É preciso responder essas questões para pensar o ensino de Geografia com a noção de todo e não como segmentado e fragmentado.

Ainda que pareça anacrônico, o contexto das políticas educacionais e curriculares atuais tem possibilitado um movimento extremamente rico para a comunidade disciplinar da Geografia ao trazer para o debate o sentido do conhecimento e da Geografia enquanto disciplina escolar (STRAFORINI, 2018).

Neste sentido, o objetivo desse trabalho é promover uma reflexão sobre as possibilidades de pensar estratégias metodológicas que possam ser utilizadas em sala de aula e que estejam alinhadas a um currículo diverso e integrador. Considerando as políticas sociais de reestruturação do currículo como a Medida Provisória 746/2016, transformada na Lei

13.415, de 16 de fevereiro de 2017 e a responsabilidade instituída ao professor de Geografia nestes processos, o trabalho irá explorar as práticas desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica.

Em se tratando de contribuição teórica relevante para esta discussão, destaca-se inicialmente a importância de considerar o percurso da formação de professores. A sociedade em sua complexidade e seus contextos variáveis, à medida que avança em aspectos tecnológicos e expansivos na educação, demanda, também, uma reformulação na formação de professores e nas bases dos currículos das licenciaturas.

[...] em uma sociedade complexa, em contextos instáveis e com conhecimentos que se ampliam e se desenvolvem constantemente, é preciso compreender as demandas prioritárias para a formação e atuação do professor. A compreensão dessa sociedade complexa em seus múltiplos aspectos tem exigido novas formas de reflexão, novas categorias, o que coloca novas demandas para a educação e para a formação do profissional voltado para a tarefa da educação escolar - o professor (CAVALCANTI, 2012, p. 17).

As reflexões de Cavalcanti (2013) estão em conexão com as da professora Castellar (2005), que traz a ideia de uma formação de professores sustentada na integração teoria e prática e associada a aspectos psicopedagógicos e de conteúdos específicos da disciplina. Para a autora:

É por meio de uma formação de professores que mudanças nas metodologias de ensino chegam às salas de aula. Os professores necessitam de uma base teórico-conceitual sólida tanto na área específica da disciplina que lecionam, quanto nas teorias pedagógicas e psicológicas para o processo de aprendizagem discente efetivamente seja promovido na sala de aula. (CASTELLAR, 2005, p. 113)

Neste contexto de reflexão, não devem ser indissociáveis as dimensões da formação de professores, do currículo e das práticas docentes.

Em uma concepção crítica do papel do professor, que age voltado para o desenvolvimento dos alunos, para a prática mais plena da cidadania e para um projeto de justiça social, não há espaço para práticas ingênuas, neutras ou reprodutivistas na atividade docente. [...] Ao escolher e abordar conteúdos, atividades, ao lidar com os alunos, ao dialogar com eles ou ao permitir que o diálogo entre eles aconteça, a atuação do professor é comprometida, social e politicamente (CAVALCANTI, 2012, p.21).

Uma formação sólida contribui para que reflexões importantes sobre currículo e práticas didático-pedagógicas sejam realizadas e atitudes profissionais comprometidas com um ensino crítico transformador sejam efetivamente implementadas. Deste modo, considera-se tal totalidade para as discussões que serão levantadas ao longo deste trabalho.

METODOLOGIA

A experiência processual no Programa Residência Pedagogia foi fundamental para as questões levantadas neste trabalho. À medida que o aprofundamento ao ambiente escolar se dava, um campo de infinitas reflexões emergia de suas paredes, das salas de aulas, dos funcionários, dos estudantes, tudo naquele universo era considerável em seu mecanismo vivo e em sua complexidade. Foi preciso observar atentamente as dinâmicas existentes naquele espaço para melhor desenvolvimento das ações futuras. Adentrando a este contexto, em uma das fases do Programa, mais especificamente na fase da ambientação e conhecimento do espaço escolar que surge a questão norteadora deste trabalho.

Essa vivência se deu em uma turma da 2ª série do ensino técnico em Edificações do Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira. No decorrer do acompanhamento das aulas, a professora de Geografia, preceptora vinculada ao Programa, trouxe uma problemática interessante a ser investigada, a relacionada à seleção de quais conteúdos deveriam ser trabalhados em sala de aula. Tal problemática gerou preocupação quanto à disposição da carga horária, tendo em vista a falta de tempo suficiente para atender a grade curricular a ser desenvolvida, sobretudo por se tratar de um curso técnico, onde é dado, a priori, foco à formação profissional.

Esse foi o ponto de partida para a inquietação proposta neste trabalho, o qual tem caráter empírico e foi desenvolvido a partir de pesquisas, leituras, escrita orientada e reflexões à luz das contribuições de obras de autores da educação e do ensino de Geografia como: Cavalcanti (2012), Castellar (2005), Straforini (2008), Tardif (2002). Tais autores foram importantes no sentido de trazer clareza nas reflexões realizadas sobre teorias, práticas, métodos, currículo e formação docente. Nesta perspectiva, é necessário destacar a relevância de instituir programas pedagógicos na formação de professores como, o Programa Residência, que permite um pensar e um fazer que estejam além das teorias debatidas em sala de aula nos cursos de licenciatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Intencionalidade nas Entrelinhas do Currículo e a Formação Docente Contemporânea

Ao longo da história da educação no Brasil podem ser observadas mudanças e reformulações no currículo e nas estruturas físicas das escolas. No entanto, essas reformas que aconteceram até os dias atuais proporcionaram um abismo entre as circunstâncias que moldaram a sociedade e a escola. A partir do processo de industrialização, as escolas no Brasil destinaram a formação dos alunos ao atendimento à produção das fábricas. Com isso, houve uma aceleração nos processos de ensino-aprendizagem que precisavam dar uma resposta rápida a esta demanda do Estado. Neste momento, tem-se um seguimento fragmentado de ensino, onde o currículo se preocupava em atender as demandas sociais de determinado período.

Ao longo dos anos, o currículo tem passado por grandes mudanças políticas, sociais e epistemológicas. Todavia, há uma grande preocupação de cunho econômico em atender ao mercado e o capital. Neste seguimento, pode-se supor que o currículo ao mesmo tempo tem se distanciado de uma formação humana ampla. Segundo Fernandes (2013), a concepção de currículo passa por transformações e os saberes escolares são influenciados pelas novas relações de poder na sociedade.

Na atualidade a grade curricular ainda parece acompanhar a indústria de mercado. Em razão disto, pode-se levar em consideração o exemplo da própria escola Severino Vieira, pois a mesma abriga, dentre os seus projetos pedagógicos, a chamada Escola Fábrica, onde uma estrutura parecida com o chão das fábricas é montada nas escolas para que os estudantes exercitem na prática os conceitos dos cursos profissionalizantes. Para, além disso, não se pode desprezar a última reforma de novas diretrizes para o ensino médio, dentre elas a não obrigatoriedade de algumas disciplinas, sobretudo, a disciplina de Geografia em contrapartida com o aumento da carga horária anual do ano letivo, acompanhada do “notório saber” e dos “itinerários formativos”.

No que diz respeito à Geografia escolar, as BNCC do Ensino Fundamental e Médio e o “novo Ensino Médio” trouxeram para o debate uma pergunta que parecia estar estacionada no passado, sobretudo, nos anos 80 e 90 do século XX, quando os fundamentos da Geografia Crítica também tensionavam o papel Geografia Escolar, qual seja: “Qual o papel e a importância da Geografia Escolar?” (STRAFORINI, 2018, p. 177).

Em decorrência desta alteração, é necessário que haja também uma recomposição na formação dos (as) professores (as) de Geografia para que estes consigam minimamente compreender o que a “Geografia precisa ensinar”. A formação docente é uma das principais bases para a realização de mudanças na educação formal Castellar (2005). Por isso, é importante ressaltar a seriedade do funcionamento das ferramentas expostas neste texto em

sua totalidade e talvez por não ser considerado este repertório de sincronia que situações complexas como a que despertou a escrita deste trabalho permaneçam implícitas no cotidiano escolar.

A Prática do Professor (a) de Geografia e os Desafios Metodológicos

A grande tarefa de ensinar de um professor de qualquer que seja a disciplina nunca foi fácil. É preciso habilidade, sensibilidade e bom senso para se colocar no lugar de mediador de conhecimentos, sendo responsável e comprometido verdadeiramente com a formação dos estudantes. Deste modo, o (a) professor (a) de Geografia assume essa tarefa devendo estar comprometido (a) em levar para a sala de aula uma Geografia que tem sido resignificada de maneira crítica e associada à vivência dos estudantes, para que seja plena no sentido de seu aprendizado. Para isso, é preciso incorporar às aulas metodologias que condigam com o objetivo o qual este profissional deseja alcançar.

Frente a isso, a ciência geográfica, pelo seu caráter interdisciplinar e vasto campo de conhecimento, oferece vários elementos socioculturais que, alinhados aos seus conceitos, podem render resultados significativos no aspecto de ensino e aprendizagem.

Assim, duas premissas são fundamentais para a discussão dos conhecimentos a serem trabalhados nas aulas de geografia: 1) existe sim uma seleção do que será usado como matéria-prima para a aprendizagem dos alunos; e 2) tal seleção se faz nas diretrizes curriculares oficiais para o ensino, mas também deriva das escolhas docentes que têm algum grau de autonomia. Nesse sentido, questiona-se qual é a relação entre a seleção de conhecimentos para o ensino de geografia e a afirmação de que existe uma crise na geografia escolar. (CAVALCANTI, 2013, p. 49).

Neste ponto, retomamos a discussão sobre a responsabilidade que recai sobre o (a) professor (a) de Geografia no momento em que este, como sujeito autônomo no processo de educação, deve refletir e decidir sobre o que é interessante ou não introduzir na vida escolar dos estudantes. Para isto, este professor (a) precisa ter tido uma base crítica fortalecida em sua formação acadêmica e que esta, também tenha sido alinhada com a prática em sala de aula. Entretanto, uma boa formação somente não é o suficiente na hora da seleção destes conteúdos, neste ponto tem-se o que de fato seja mais relevante nesse processo, que é antes de qualquer coisa pensar no perfil do público da sala de aula e, sobretudo refletir sobre o porquê e para quê estão sendo ensinados determinados conteúdos e não outros.

A disciplina Geografia por si só já traz no seu escopo metodológico a intenção de ser integradora e crítica através de seus conteúdos que interligam sociedade e natureza. Esse processo seletivo precisa ser minuciosamente planejado para que faça sentido na vida dos

estudantes e para que o professor (a) alcance o sucesso em seu trabalho.

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem a tona no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificado e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente (TARDIF, 2002, p. 61).

Segundo Tardif (2002), o(a) docente ainda pode utilizar como estratégia conhecimentos que parte de fontes distintas de seu campo específico, isso torna o processo educativo mais contemplador. Cavalcanti (2013) menciona:

Pensar diferentes práticas e recursos pedagógicos que favoreçam a ação do professor para garantir a aprendizagem de conceitos e temas da geografia no espaço escolar, desde a segunda metade do século passado, sempre foi uma grande preocupação de pesquisadores que se dedicam a estudar metodologias e dispositivos pedagógicos relacionados às práticas de ensino de geografia, tendo em vista a abordagem e a construção de sentidos aos conteúdos científicos e a sua apreensão no cotidiano na vida escolar. (CAVALCANTI, 2013, p. 95).

Inclusive o livro, *Temas da geografia na Escola Básica*, organizado pela professora supracitada apresenta vários diálogos e formas de como utilizar linguagens e proporções metodológicas através de dispositivos didáticos de aprendizado que vão facilitar a relação da transmissão de conteúdos em sala de aula, entre eles: *o cinema, a música, a literatura e a multiescalaridade*. Estes mecanismos fomentam olhares sobre a interdisciplinaridade possível através do ensino de Geografia, sendo que estas pesquisas e publicações são de suma importância, pois servem como material importante de apoio aos professores em suas práticas.

Trajetória no Programa Residência e as Contribuições Possíveis em Sala de Aula

As atividades do I Ciclo do Programa Residência Pedagógica realizadas no segundo semestre de 2018, possibilitaram aos discentes do Curso de Licenciatura em Geografia do IFBA, Campus Salvador, um vasto campo investigativo de ensino - aprendizagem. A partir das fases de ambientação e observação, fundamentais para o conhecimento da realidade escolar e perfil da turma, pôde-se planejar uma proposta de ação atenta à consideração de aspectos presentes no cotidiano dos estudantes, bem como alinhada às especificidades do currículo da escola e as características dos conteúdos da unidade, tarefa que exigiu sensibilidade, estudo e método para a elaboração da proposta.

Ao considerar estes aspectos, foi desenvolvido com a turma do 2º ano do curso em Edificações um projeto que teve como objetivo discutir com os estudantes temas relacionados à visibilidade do mês da Consciência Negra. Neste sentido, houve busca pela superação do

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

desafio de realizar uma reorganização dos conteúdos da unidade de forma a inserir a temática de matriz africana incorporando conceitos geográficos aos temas étnico-raciais e para, além disso, de identificar quais debates poderiam ser interessantes para aquele público. Foi justamente essa problemática que surgiu da vivência no Programa e culminou no objetivo deste trabalho, pois neste momento, as possíveis inquietações com relação à reorientação dos conteúdos da unidade de forma a atender à seleção/organização/tratamento de outros conteúdos/temas puderam ser percebidas.

Os conteúdos e a carga horária da disciplina de Geografia foram ajustados à proposta do projeto de maneira a contemplar estratégias de caráter interdisciplinar (diálogos com a História, Sociologia, Língua Portuguesa puderam ser experimentados), participativo e dinâmico voltadas aos interesses e realidades dos estudantes. As práticas abrangeram quatro encontros e buscaram atender ao tratamento das seguintes temáticas: *“O negro no Nordeste: A Obra de Luiz Gonzaga”*; *“Regionalismo: A visibilidade do negro, nas regiões brasileiras”*; *“A África no Brasil”*; *“Os anos do Apartheid, e a Geografia com isso?”*.

As atividades foram desenvolvidas a partir de um trabalho em equipe que buscou oportunizar nos encontros com a turma do 2º ano rodas de conversas bastante ricas. Debates foram promovidos em sala e discussões extremamente relevantes aconteciam ao mesmo tempo em que era servido um bom café. Consideramos que a experiência foi bastante exitosa, sobretudo pelo fato de que os estudantes se mostraram interessados e participaram bastante. Consideramos também, que essa interação e aproximação foi beneficiada pelo fato de que se buscou uma estratégia de ação voltada a contemplar suas vivências, seus interesses, suas realidades e a partir da valorização da cultura afro-brasileira e da problematização da temática de Consciência Negra, objetivando assim transformar os estudantes em protagonistas. Essa prática contemplou o sentido da adoção de um currículo mais integrador e interdisciplinar e esse foi um momento enriquecedor na formação em Geografia, possível pelas experiências compartilhadas, aprendidas e socializadas no Programa Residência Pedagógica a partir da superação de desafios onde se buscou potencializar as ações nas proporções de um ensino dinâmico.

Ao serem consideradas metodologias de valorização do conteúdo matriz africana, a atividade teve o potencial de proporcionar conexão entre o tema e conteúdos de outras áreas de conhecimento por meio de debates que potencializaram experiências motivadoras e desafiadoras no processo de ensino aprendizagem. A metodologia desenvolvida alinhada à reflexão proposta pelo tema e voltada à busca pela participação dos estudantes problematizou

aspectos relevantes, como o debate sobre a visibilidade da população negra, sobretudo no Nordeste, dessa forma buscou-se trazer para a atividade a figura do cantor e compositor Luiz Gonzaga, assim os estudantes puderam entender este contexto de forma mais próxima e a partir deste grande artista e seu imenso legado cultural, diga-se de passagem, muito importante para a geografia, avançamos as discussões sobre os aspectos de representação do povo negro no país. Ao final desta dinâmica de ensino-aprendizagem foi elaborado um cartaz, onde foi dividido por regiões de acordo com a representatividade de artistas negros (as) do Brasil, interessante, pois daí emergiu também a discussão sobre gênero e heranças identitárias.

Partindo para uma escala maior foram trabalhadas as questões raciais particulares aos negros africanos, principalmente da África do Sul com o regime Apartheid privilegiou a população branca em detrimento de pessoas negras, sendo este um movimento muito importante a ser investigado na história do povo negro. Nessa perspectiva foi indispensável trabalhar os temas partindo de uma escala local, pois facilitou o diálogo e o objetivo do projeto que foi analisar, discutir e refletir sobre as relações étnico-raciais e sua construção nos diversos territórios à luz da Geografia.

A experiência possibilitou que fosse “assumido” pela residente o lugar do professor permitindo assim vivências importantes que puderam oportunizar reflexões sobre os dilemas do cotidiano escolar e das práticas relacionadas ao currículo em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experimentações vivenciadas no Programa Residência Pedagógica, a partir da imersão no ambiente escolar e das reflexões que dele emergiram, permitiu entendimento de muitas dinâmicas que envolvem este espaço cotidianamente. Adentrar o universo escolar e enxergar suas complexidades traz a oportunidade de analisar e contrapor a teoria e prática docente, sendo que, essa comunicação potencializa ações voltadas ao “pensar geográfico”.

Neste sentido, pode-se afirmar que se trata de momentos extremamente relevantes para a formação de todos os discentes das licenciaturas que compõem o Programa, inclusive das licenciaturas em Geografia. A partir da integração entre a academia e a educação básica, a experiência trouxe a possibilidade de reflexões e aprendizados fundamentais para o enriquecimento da formação.

A proposta deste trabalho buscou refletir sobre questões relacionadas à formação, currículo, interdisciplinaridade e práticas reflexivas. Diante disso, a partir das exposições aqui apresentadas compreende-se que há ainda dificuldades de lidar com as demandas de um currículo segmentado e fragmentado, de uma forma a considerar a necessidade dos estudantes

que precisam ser protagonistas deste processo. Para além dos repertórios contidos neste trabalho, vale ressaltar principalmente que a aproximação entre o conteúdo e a prática reflete diretamente na relação professor x aluno, sobretudo quando existe um comprometimento da parte do (a) docente na preparação de suas aulas de acordo com a realidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALDY, W. F. **O currículo de geografia uma análise do documento de Reorientação Curricular da SEE/RJ**. 146f. Universidade de São Paulo, SP, 2009.

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CAVALCANTI, L. S. **Temas da geografia na escola básica**. 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. 1ª ED. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

STRAFORINI, R. **O ensino de geografia como prática espacial de significação**. Estudos Avançados. São Paulo, 32 (93), 2018.

TAFID, M. **Saberes docente e formação profissional**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002.